

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 43000 réis.

Numero pago á entrega. 3090

N.º 48 — VOL. III.

Sabbado 3 de Dezembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 43300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 53000

Summary.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Reinado de D. Affonso VI, continuação — A cidade de Lagos — Ha sessenta annos, continuação — A villa de Jeromenha — De Goa para Lisboa pelo Cabo da Boa-Esperança, continuação — Melk — Quadras historicas, continuação — O amor e o dever, continuação — Mesquita de Musjid — Duas mulheres da epoca, continuação — A Munda-naria — No album da ex.ª senhora S. da M. — Sonatas.
GRAVURAS: — Brasões da cidade de Lagos, e villa de Jeromenha — Melk — Mesquita de Musjid

Historia da actualidade.

Maniccolo, director geral da policia em Sicilia, foi ferido por um assassino, na praça da cathedral, indo acompanhado de sua esposa e filhos. O assassino evadiu-se.

Diz-se, relativamente ao congresso que vae reunir-se em Paris no proximo mez de Janeiro, que os ducados não terão ahí representantes, e que os soberanos demittidos enviarão notas e manifestos em defesa da sua causa.

Descobriram-se em Cantão novas conspirações para se assassinar os europeus.

Correu novo boato da morte de Nana-Sahib, mas o correio posterior não o confirmou, e as ultimas noticias chegadas da India ameaçam a recrudescencia da guerra.

O governo inglez já não suscita embaraços á abertura do isthmo de Suez, e finalmente a politica franceza venceu n'este ponto.

Desembarcadas em Africa as forças hespanholas, já inauguraram as suas operações com tres dias successivos de combates para estabelecerem a linha de fortificações, repellindo os moiros que as acometiam.

Continuam cada vez mais excitadas em Hespanha as sympathias por esta guerra, que na verdade deve ser reputada uma guerra da civilisação contra a barbaridade. São immensos os donativos tanto das municipalidades, como das associações e particulares para a coadjuvação d'estas extraordinarias despezas.

A Inglaterra annuiu finalmente a enviar representante ao congresso de Paris, mas ignora-se ainda quem será nomeado para esta honrosa commissão.

O Monitor publicou a integra dos tratados de Zurich, e esta publicação teve grande influencia na bolsa, pois a praça se conserva com bastante animação.

Modena, Parma, e Romania, que até agora tem sido governadas separadamente pela revolução, a datar de 8 do corrente serão regidas por

um só governo, e um só ministerio residente em Modena.

O principe e princeza da Prussia acham-se em Bruxellas.

Alguns banqueiros e capitalistas inglezes escreveram uma carta ao imperador Napoleão sobre a questão da paz entre as duas potencias, e receberam resposta satisfactoria.

O Marquez de Latajico, representante da Toscana em Londres, acaba de fallecer de bexigas.

A Austria dispõe-se a ter constantemente no paiz veneziano uma força de cem mil homens.

A Inglaterra não abandona a idéa de communicação por via de um cabo submarino atlantico, e já se trabalha em assentar novo com modificações ao primitivo, as quaes parecem assegurar bom exito.

Esta nova companhia tem o capital de quinhentas mil libras, e as acções são de cinco libras.

Parece imminente um rompimento entre a Prussia e a Hesse eleitoral, porque a primeira nação apoia os povos que pedem o restabelecimento da constituição de 1832.

Diz-se que o cardeal Antonelli será o representante de sua santidade no congresso de Paris.

Demittiu-se o ministro da guerra em Berlin; e esta demissão foi occasionada pelos novos projectos de reforma no exercicio.

Na Cochinchina augmentam as perseguições contra os christãos, sendo grande o numero d'estes supplicados.

Ha grande agitação na America do Sul; são continuados os motins no Chili, os assassinios no Peru, e as desordens no Equador.

O conde de Paris e o duque de Chartres partiram n'um vapor do Lloyd para Alexandria.

O vapor *Genova*, que transportava para Malaga material de artilharia, incendiou-se dentro d'este porto, salvando-se a gente, mas perdendo-se cento e cincoenta mueres.

Metternich foi nomeado pela Austria embaixador para Paris.

O ministerio dinamarquez deu a sua demissão.

Está embaraçando actualmente para Ceuta a divisão de reserva do exercito expedicionario de Africa.

Em o nosso paiz tudo são preparativos dos partidos politicos para a lucta eleitoral.

O principe Leopoldo, cunhado de sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V, trouxe ao nosso monarcha as joias que haviam pertencido a sua magestade a rainha a senhora D. Estephania, de-

clarando que a familia da regia finada não receberia mais que o dote.

Diz-se que os bailes de mascaras principiaão este anno muito mais cedo, pois a autoridade já concedeu licença á Floresta para os dar ainda no fim do mez de Dezembro.

Madame Ristori fez tanto enthusiasmo no Porto, que se lhe asseguraram mais oito recitas, que terão logar no fim de Janeiro.

Do deposito de recrutas em Mafra, desde que se estabeleceu em Agosto, tem entrado no hospital ali creado para cima de mil enfermos.

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos.)

DESGRAÇA DO ESCRIVÃO DA PURIDADE CONDE DE CASTELMELHOR.

Continuação.

No dia 12 mandou o infante o seu secretario desculpar-se com seu irmão de não lhe ter ainda respondido á carta da vespera. O rei disse-lhe que o fizesse quando lhe aprouvesse, e encarregou o secretario de mil finezas para o principe.

No mesmo dia ou no dia 13, fallou a rainha na mediação, Ruy de Moura Telles. Perguntou alta da parte de quem lhe fallava: respondeu, que da sua propria, como seu criado, e tambem por persuasão do conde. Declarou a rainha que da melhor vontade se encarregaria d'isso, se o conselho lh'a pedisse, e o rei a desejasse. Ruy de Moura correu logo ao conselho, que então se celebrava: depois de fallar n'isso, pediram ao rei que accedesse. Ruy de Moura, com um padre da inquisição, e com o conde de Val-de-Reis, voltou a rogar á rainha da parte do rei e do conselho, que se encarregasse da mediação. Aceitou e agradeceu a confiança que n'ella tinham, declarando que nada queria fazer n'esta negociação sem a opinião do conselho, e que não empregaria n'ella ninguém que não fosse d'elle. Com grande prudencia para as idas e vindas entre ella e o infante, e entre o rei e ella, nomeou os mesmos conselheiros que o rei tinha já enviado ao infante, a saber: os marquezes de Marialva, e de Sande, e Ruy de Moura. O rei não consentiu na mediação da rainha senão com a condição, que se não fallasse na separação do conde, e o conde desejou que a rainha o declarasse aos tres conselheiros, e lhes ordenasse, como o rei o fiz-

ra, que se não encarregassem de nenhuma proposta a tal respeito; pedindo ao enviado francez Saint-Roman que dispuzesse a esse fim a rainha. Prestou-se ella facilmente, dizendo que o seu principal cuidado seria salvar a autoridade do rei seu marido, particularmente nas coisas em que se tivesse declarado e compromettido publicamente.

No mesmo dia 13, quando isto se passava no paço, resolvia o principe escrever ao rei a seguinte carta:

«Senhor. — Não podendo conseguir de v. m. que se examinasse de novo, com melhores informações, a minha queixa, sendo ella da qualidade que a v. m. e a todo este reino é presente, tiro desta resolução de v. m., que quiz v. m. sepultar de todo o meu requerimento, tirando-me por esta via o meio de o repetir, e assim passo a beijar a mão a v. m. pela honra que me faz na carta que ultimamente foi v. m. servido mandar-me escrever, e o não vou fazer pessoalmente por ter tão justificada escusa, que espero que v. m. a julgue por tal, pois havendo v. m. permitido que prevaleça dentro no paço com tanta autoridade e poder um homem que não só foi delatado que intentava tirar-me a vida, mas que elle mesmo se constituiu reo, e esforçou a prova na presumpção que deu ao mundo, tirada de não querer entrar na averiguação da culpa, não fica sendo logar seguro nem decente para o infante a mesma casa de seu rei e seu irmão: mas peço a v. m. queira entender da sinceridade do meu animo, que em toda a parte heide venerar como a pae, e servir como a rei e senhor a v. m., cuja real pessoa guarde Deus largos e felizes annos. Corte-real 13 de setembro de 1667.»

Antes de expedir esta carta fez o infante apalpar todas as segas da cidade, e procurou oiro em casa de todos os mercadores, para fazer soar a intenção que tinha de retirar-se. Com effeito, o clamor que se levantou foi grande: e a cidade amotinou-se por tal modo, que o juiz do povo correu na mesma tarde ao paço, e declarou que já não podia conter o povo, e que se o infante ardesse passo para sair era certa a sedição. A vista d'isto não quiz o conde, que a rainha lizesse aos conselheiros a tão desejada declaração a respeito d'elle, e por isso ella mandou simplesmente communicar ao principe a sua mediação, e saber se era do seu agrado. Aceitou-a o infante com respeito, mas disse que convinha se dessem pressa, porque tinha resolvido retirar-se, se o rei quizesse absolutamente conservar Castelmelhor junto a si: que acabava de escrever a s. m., e que nada podia fazer-lhe mudar esta resolução.

A carta do infante causara no paço grande alarme. Desejava o rei que os tres conselheiros tornassem a casa do principe, e lhe pedissem da parte da rainha, que ao menos suspendesse a resolução da partida, e desse logar á mediação da soberana, e ao accommodamento; porém elles se escusaram, dizendo que eram suspeitos ao principe, e não obteriam d'elle coisa alguma. Lembrando que se servisse o rei do confessor da rainha, quiz elle no mesmo instante mandal-o chamar, inda que já fosse mais de meia noite. Custou muito a persuadir-o que esperasse para a manhã seguinte.

Com effeito, no dia immediato, o padre de Villes, depois de ter para esta mensagem recebido as ordens da rainha, aconselhado por Ruy de Moura, tomou o padre reitor do noviciado para lhe servir de interprete, e foi procurar o principe, a quem disse que a rainha lhe agradecia o ter accedido a sua mediação; mas que, como medianeira, lhe rogava que desistisse ou sobreestivesse na sua partida; assegurando-lhe que lhe faria dar toda a casta de satisfação, salva a separação do conde sobre que ella tinha os braços atados: que por isso lhe perguntava o que desejava; e que não se admirasse de que lhe procrastinassem a resposta á carta que escrevera ao rei no dia 13, porque ella a tinha nas suas mãos.

A respeito da mediação respondeu o principe com grandes cumprimentos: quanto á sua partida differia-a pela ordem da rainha, mas não podia mudar de resolução nem prescindir do pedido que fizera para a separação do conde, porque a sua honra lh'o não permittia: que supplicava mui humildemente a rainha, na sua qualidade de mediadora, de lhe fazer dar a satisfação desejada pelo conse-

lho, pelos fidalgos, pelo povo, e por todo o mundo: que não queria mais que a separação do conde; que não pedia outra coisa, e pedia que lhe não demorassem muito tempo a resposta á sua carta, porque devia executar a sua resolução, e não deixar esfriar os espiritos, nem passar a occasião que era favoravel.

Continúa.

JOSÉ DE TORRES.

A cidade de Lagos.

O autor da Corographia Portugueza dá á cidade de Lagos dois mil setecentos cincoenta e seis annos de existencia, attribuindo a sua fundação a um supposto rei Brigo no anno de 1899 antes do nascimento de Christo. Depois diz que, tendo caído em ruínas, fôra reedificada, e novamente povoada no anno de 350 antes da era vulgar por um capitão de Cartago, chamado Boodez.

Os fundamentos d'esta opinião são em parte inverosímeis, em parte duvidosos. Porém, o que é certo é ter sido Lagos uma cidade de alguma importancia no tempo dos romanos. Chamava-se então *Lacobriga*, cidade ou povoação do lago, ao que parece por causa de um, que havia na sua proximidade.

Na lucta, que a republica romana sustentou contra Sertorio, que se collocara á frente da independencia da Lusitania, foi posta Lacobriga em apertado cerco por um exercito romano, commandado pelo consul Quinto Cecilio Metelo. A cidade não foi entrada pelo inimigo, porque veio soccorrel-o o valente Sertorio com os seus bravos lusitanos; mas junto dos seus muros pejejou-se uma renhida batalha, em que a victoria se decidiu por estes ultimos.

Nas invasões d'essas hordas de barbaros, que destruíram o colosso do Tibre; na dos arabes, em que se alliu a monarchia dos godos; e nas guerras dos nossos primeiros reis, de que resultou a expulsão dos moiros, Lacobriga foi por muitas vezes arruinada e despovoada. As vantagens, porém, da sua situação geographica para o commercio de Africa e do estreito de Gibraltar, por outras tantas vezes a ergueram do meio das ruínas, e lhe attrahiram novos moradores. Todavia n'essas vicissitudes perdeu a preeminencia de cidade, que só veio a readquirir na segunda metade do seculo XVI por mercê que lhe fez el-rei D. Sebastião, quando juntou na sua bahia a armada, que o levou a Africa.

A peste assolou por vezes esta cidade, e o terremoto de 1755 causou-lhe horribes estragos, bem como em todo o Algarve. O que os impulsos da terra pouparam, foi destruido pelos accommettimentos do mar. Quasi todos os seus principaes edificios ficaram derrocados, e alguns d'elles, como o palacio do governo, a casa da camara, a torre do relógio, e o convento da Trindade, nunca mais se ergueram.

Por causa d'esta catastrophe tornou Lagos a perder prerogativas de muita importancia, deixando de ser a capital do Algarve, que passou primeiramente para Tavira, onde foi residir o capitão general, e mais tarde para Faro.

Em 1833 veio a terrivel epidemia da cholera dizimar os seus habitantes. Logo depois padeceu os tristes effeitos da guerra civil, que durante dois annos devastou Portugal. E depois ainda esta malfadada terra passou por outras calamidades de epidemias e terremotos, que mais ou menos a damnificaram.

Lagos tinha voto em côrtes na velha monarchia, e seus procuradores tomavam assento no terceiro banco. O seu brasão d'armas compõe-se de um escudo coroadado, e n'elle uma fortaleza com tres torres, banhada pelo mar, e tendo de cada lado uma lança ao alto.

Ao presente é Lagos a segunda cidade do reino do Algarve, e dista seis leguas do Cabo de S. Vicente, e vinte e duas da foz do Guadiana. Acha-se agradavelmente situada na costa occidental de uma grande bahia do seu mesmo nome, erguendo-se sobre tres collinas na margem direita de um pequeno rio ou esteiro, que tem meia legua de extensão, e ao qual a maré faz accessivel a embarcações costeiras de pequena lotação.

A bahia pode offerecer amplo ancoradouro a esquadras de grandes vasos. A barra do esteiro, que forma o porto da cidade, é defendida pela fortaleza da Ponta da Bandeira, que serve de registro, e pelo forte da Meia Praia. Para defenza da bahia ha diversos fortes em melhor ou peor estado de conservação, sendo o principal a fortaleza do Pinhão, edificada primitivamente em terra firme, e que ainda nos principios do seculo passado formava uma península, mas que actualmente está cercada de mar, e arruinada, passando pequenas embarcações entre ella e a terra. Outra fortaleza, que se construiu defronte d'esta, para a substituir, tambem o mar a poz em ruina.

A barra, que ha cem annos apresentava sete a oito braças de fundo, agora apenas tem uns dez palmos. Alguns cachopos e bancos d'areia lhe difficultam um pouco a entrada.

São duas as parochias da cidade: Santa Maria, que é a matriz, e S. Sebastião. A primeira achase estabelecida na egreja da Misericordia desde o cataclismo de 1755, que lhe destruiu o seu antiquissimo templo, o qual campeava sobre uma eminencia. Na tentativa, que se fez para o reedificar, apenas lhe levantaram as paredes até meia altura. Depois pararam inteiramente as obras, ficando a servir o seu recinto de cemiterio.

A segunda parochia está edificada em um alto. É um grande templo de tres naves, de muito antiga fundação, e reconstruido por el-rei D. João II, que lhe trocou a invocação primitiva de Conceição pela de S. Sebastião, por ser este santo padroeiro, e advogado contra a peste, que então affligia todo o Algarve.

Havia em Lagos quatro conventos, tres de frades, e um de freiras. Este era de religiosas carmelitas, do titulo de Nossa Senhora da Conceição. Foi fundado em 1554, arrasado quasi totalmente em 1755, e reconstruido depois.

Os conventos de religiosos eram: o de S. Francisco, de franciscanos, edificado em 1560; o da Trindade, de trinos, fundado em 1599; e o de S. João de Deus, em que se estabelecera um hospital militar, levantado em 1696.

Os outros edificios religiosos são a casa da misericordia, com seu hospital; a egreja de Santo Antonio, que é capella militar, e varias ermidas. O edificio outr'ora occupado pelo trem e egreja de Santa Barbara serve agora de quartel militar; e a antiga egreja de S. Braz, e a de Nossa Senhora do Porto Salvo, construida no seculo XVI por commerciantes italianos, que vieram estabelecer-se em Lagos, acham-se transformadas em armazens de arrecadação pertencentes ao quartel.

Conta a cidade quatro praças, e algumas ruas boas, porém as outras são estreitas e tortuosas, e todas mal calçadas. Um aqueducto, obra de el-rei D. Manuel, que conduz boa copia d'agua do sitio do Paul, na extensão de quatrocentas e dez braças, abastece a povoação, e fornece commoda aguada aos navios. Para este fim tem um chafariz junto da Porta Nova e da muralha, que cae sobre o rio.

Lagos é praça d'armas. As suas primeiras fortificações datam do reinado de D. Affonso IV, ou talvez do tempo de el-rei D. Diniz. Constava de uma cêrca de muros com suas torres e portas. Nos fins do seculo XVI ou principio do XVII, edificou-se nova cêrca de muralhas, que ao presente se conserva, com oito portas e quatorze baluartes. Para o lado do rio tem as portas de *S. Gonçalo*, do *Caes*, de *S. Roque*, e *Nova*, e cinco reductos. Para o lado de terra tem as portas de *Portugal*, do *Postigo*, de *Quartos*, e da *Villa*, e nove baluartes.

Os suburbios de Lagos são apraziveis. Teem campos mui bem cultivados, muitos figueiraeas, vinhas, hortas e pomares.

Lagos exporta cereaes e legumes, muitos figos, algum vinho, aguardente de figos, muito peixe salgado, azeite de oliveira e de peixe, e diversos productos fabricados de obra de palma, e de fio de piteira. A agricultura tem tido ha annos bastante desenvolvimento, todavia as pescarias constituem o principal ramo, talvez, da industria dos habitantes, e da riqueza publica. Empregam-se nellas muitas embarcações, e alguns centos de pescadores, que não se limitando ás costas do Algarve, demandam tambem as de Marrocos, notaveis pela

sua produção. A pesca do atum é objecto de muita importancia.

A 12 de Outubro faz-se n'esta cidade uma feira annual. A população de Lagos sobe a oito mil e quatrocentos habitantes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Ha sessenta annos.

Noticias curiosas do anno de 1790, relativas a Portugal.

Continuação

Juizes de primeira instancia.

Dos treze bairros em que então se dividia Lisboa, seis tinham *corregedores*, e sete tinham *juizes do crime*. Pertenciam os primeiros aos bairros de *Alfama, Belem, Romulares, Rocio, Rua nova, e Bairro Alto*, e os segundos a *Andaluz, Castello, Limoeiro, Mocambo, Mouraria, Ribeira, e Santa Catharina*. Além d'estes ministros, havia na cidade mais quatro *corregedores do civil*, *juizes conservadores* de diversas nacionalidades, *ouvidoria da alfandega*, *juizo de India e Mina*, *provedor dos residuos*, *auditor geral da marinha*, *provedor dos orphãos e capellas*, *quatro juizes dos orphãos*, *juiz dos leilões*, *juiz dos degradados*, *provedor-mór da saúde*, e *provedor dos seguros*.

Havia tambem *corregedores* nas seguintes comarcas do reino e ilhas:

Aveiro, Castello-Branco, Coimbra, Elvas, Evora, Guarda, Guimarães, ilhas da Madeira, S. Miguel e Terceira, Lagos, Lamego, Leiria, Miranda, Moncorvo, Penafiel, Portalegre, Porto, Santarem, Setubal, Tavira, Thomar, Torres Vedras, Trancoso, Vianna, Viseu, Alcobaça (este era da nomeação do D. abade geral dos Bernardos).

E *provedores* nas comarcas do Algarve, Aveiro, Beja, Castello-Branco, Coimbra, Elvas, Evora, Guarda, Guimarães, Lamego, Penafiel, Leiria, Miranda, Moncorvo, Ourique, Porto, Portalegre, Santarem, Setubal, Thomar, Torres Vedras, Vianna, Viseu e Trancoso.

Além d'estes ainda havia os *provedores* do hospital das Caldas, da fazenda real das ilhas dos Açores, e da de Matto Grosso.

Superintendentes dos contrabandos e descaminhos dos reaes direitos, havia-os nas *fabricas* da Covilhã e Portalegre, em *salinas* de Setubal, em *nas alfandegas* do norte, outro nas do sul, e para a fiscalisação dos *tabacos* no Algarve, Alentejo, Beira, Traz-os-Montes, Minho, Porto, Serra do Frio, e um para as tres comarcas reunidas de Leiria, Aveiro e Coimbra.

E *ouvidores* nas comarcas de Abrantes, Aviz, Ourique, Alemquer, Faro, Barcellos, Bragança, Ourem, Villa Viçosa, Beja, Castanheira, Chão de Couce, Feira, Linhares, Pinhel, Valença, Villa Real, Crato, Pombal: no *ultramar*: em Alagoas, Angola, Bahia, Cabo Verde, Ceará, Cuiabá, Espirito Santo, Goyazes, Jacobina, Ilheos, Ilha de Santa Catharina, Macau, Maranhão, Matto Grosso, Moçambique, Pará, Parahiba, Paranaguá, Pernambuco, Piauhí, Porto Seguro, Rio das mortas, Rio de Janeiro, Rio Negro, Sabará, S. Paulo, S. Thomé, Serra do Frio, Sergipe d'el-rei, Villa Rica.

Tambem em varios pontos do Brazil havia *intendentes do ouro e diamantes*.

Juizes de fora funcionavam nas seguintes comarcas: Alandroal, Albufeira, Alcacer do Sal, Aldea Gallega, Alfandega da Fé, Alagoas, Aljód, Almada, Almodovar, Alpedrinha, Amaranthe, Angra, Arcos, Arronches, Aviz, Aveiro, Azeitão, Azurara, Barca, Benavente, Cabeço de Vide, Cascaes, Castello-Branco, Castello de Vide, Castello Rodrigo, Castro Marim, Cea, Celorico da Beira, Cezimbra, Coimbra (um do civil, outro do crime), Covilhã, Coruche, Elvas, Estremoz, Evora (um do civil e crime, outro dos orphãos), Fayal, Figueira, Ilha das Flores, Freixo d'espada á cinta, Freixo de Nemão, Fronteira, Funchal, Fundão, Golegã, Gouvea, Guarda, Guimarães, Ilha Graciosa, Idanha Nova, Lagos, Lamego, Leiria, Loulé, Mafra, Marvão, Messejana, Mertola, Mesófrico, Miranda, Mandela, Mogadoiro, Monção, Monchique, Moncor-

vo, Monforte de Rio livre, Montemor o Novo, Montemor o Velho, Mouta, Mourão, Niza, Odemira, Olivença, Ourique, Palmella, Penafiel, Penamacor, Peniche, Ilha do Pico, Ponte de Lima, Portalegre, Porto (um do civil, outro do crime, e outro dos orphãos), Povoas de Varzim, Recardães, Redondo, Ribeira Grande (na ilha de S. Miguel), Sabugal e Touro, S. João da Pesqueira, Ilha de Santa Maria, S. Vicente da Beira, Santa Martha de Penaguão (um do civil e crime, outro dos orphãos), Santarem (um do crime, outro dos orphãos), S. Thiago de Cacem, Ilha de S. Jorge, Setubal, Sortelha e Belmonte, Soure, Taboço, Tavira, Terena, Thomar, Tondella, Torrão, Torres Novas, Torres Vedras, Trancoso, Vianna do Alentejo, Vianna do Minho, Villa Franca de Xira, Villa Franca do Campo (ilha de S. Miguel), Villa Nova da Cerveira, Villa Nova de Portimão, Villa Velha de Rodão, Villa da Praia (ilha Terceira), Vinhaes, Viseu, Villa Real, Alagoa, Alemquer, Chamusca, Cintra, Faro, Obidos, Silves, Alter do Chão, Arraiolos, Barcellos (um do civil e crime, outro dos orphãos), Borba, Bragança, Chaves, Esposende, Eixo, Melgaço, Monforte, Monsaraz, Ourem, Outeiro, Portel, Porto da Moz, Souzel, Villa do Conde, Villa Viçosa, Alcoutim, Almeida, Beja (um do civil e crime, outro dos orphãos), Caminha, Castanheira, Cuba, Ega, Feira, Moura, Ovar, Pinhel, Serpa, Valença, Villa Real de S. Antonio, Vimioso, Crato, Sertã, Alcobaça (de nomeação do D. abade dos Bernardos), Angola, Benguella, Bahia (um do civil, outro do crime, e outro dos orphãos), Cachoeira, Cuiabá, Maranhão, Marianna, Pará, Pernambuco, Ponta Delgada, Rio de Janeiro, Ribeira Grande (Brazil), Santos, Oliveira do Bairro, Vouzella.

Continua.

B.

A villa de Juromenha.

E' esta villa uma das nossas praças d'armas da fronteira do Alentejo. Está edificada junto á margem direita do Guadiana, sobre um oiteiro escarpado para o lado do rio, e guarnecido em torno com obras de fortificação. Distá da cidade d'Elvas tres leguas para o sudoeste e seis de Estremoz para o sueste.

Se houvermos de dar credito a alguns escriptores, que entre nós se tem dedicado ás antiguidades do paiz, Juromenha teve por fundadores os gallos celtas, e Julio Cesar cercou-a de muros, dando-lhe o nome de *Julii-mania*, depois corrupto em Juromenha.

Partindo porém de tempos mais conhecidos diremos, que el-rei D. Diniz, achando-a em grande ruina, e falta de moradores, mandou-a reedificar e povoar no anno de 1312. Um antigo castello, que ahí havia, obra romana, conforme uns, e moirisca, segundo outros, foi tambem reparado pelo mesmo soberano. Por esta occasião concedeu D. Diniz muitos privilegios a Juromenha, com o fim de attrahir ali novos habitantes.

Não sabemos de que epocha data o seu brasão d'armas; mas supponmos que lhe foi dado n'aquelle reinado. Consiste em um escudo de prata com um castello cercado de agua, pendendo d'elle dois grilhões. O castello e a agua são allusões á villa fortificada, e ao rio que a banha. Os dois grilhões significam um antigo privilegio que os seus moradores gozavam, de não poderem ser mudados para outra cadeia fora da villa, estando presos, sem que os tribunaes pronunciassem sentença final.

Tem esta villa uma só parochia, dedicada á Nossa Senhora do Loreto; casa de misericórdia, hospital, e quatro ermidas. A sua população não chega a seiscentas almas. Como praça de guerra tem governador e uma pequena guarnição.

As margens do Guadiana fazem amenos os suburbios da villa, proximo da qual entra n'aquelle rio a ribeira de Mures, em cuja foz se costuma pescar varias especies de peixes. O termo abunda em cereaes, frutas e pastagens. Tem muitos azinhaes, e mattos, onde ha variada caça.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O homem calunaiador é sempre um assassino, ou da honra, ou da vida.

De Goa para Lisboa pelo Cabo da Boa Esperança.

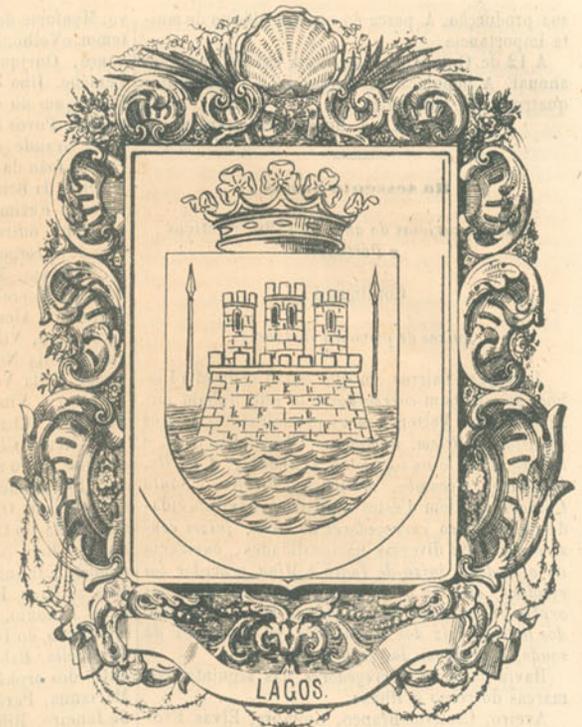
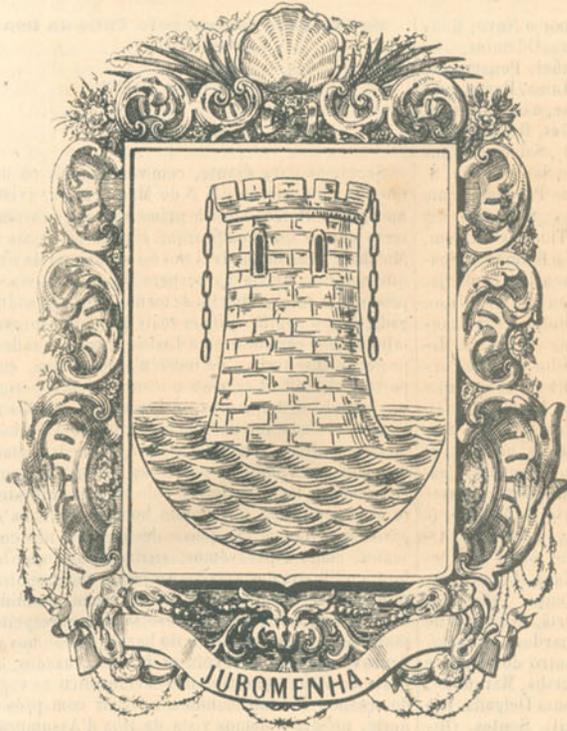
DESCRIPÇÃO DA VIAGEM

Continuação.

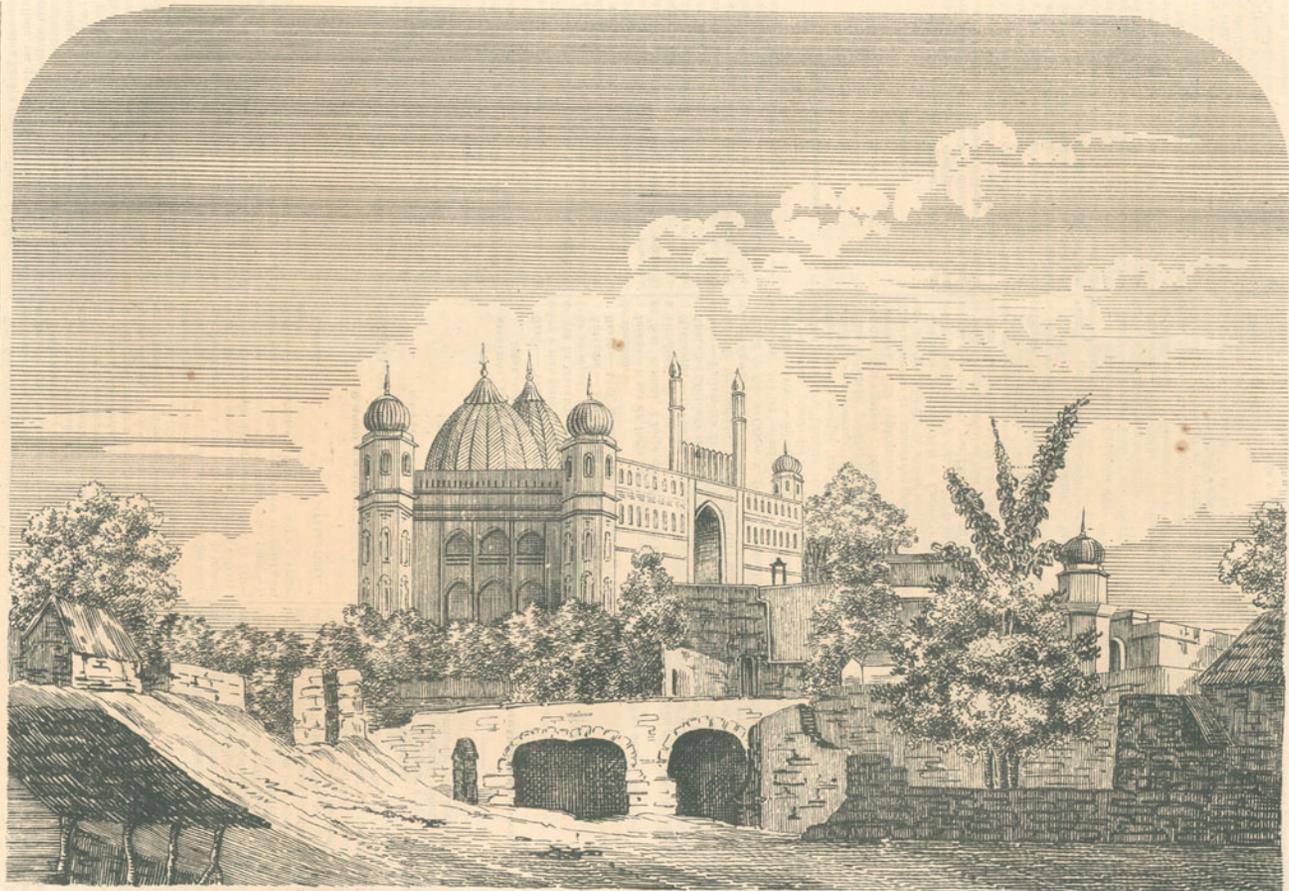
Seguimos para diante, com ventos mais ou menos brandos, até ao dia 5 de Maio, em que avistámos Santa Helena: era a primeira vez que viamos terra depois que nos ficaram á pópa as costas do Malabar; mas impossivel nos foi aproximar da ilha, que o vento, que já na vespera de noite havia soprado com força, tão rijo se tornou desde a madrugada, que o capitão julgou mais prudente aproveitar o logo a caminho para Lisboa, abandonando o projecto, que tinha, de tocar n'aquella ilha, cujo porto é de difficil accesso e o ancoradouro perigoso, quando se desinvolva semelhante tempo. Assim, só nos foi dado ver de longe, á distancia de mais de doze milhas, essa ilha esteril, rochedo isolado no meio do Atlantico, e que nada tem de singular, senão o facto de haver sido o logar do desterro e da sepultura do grande homem, victima do governo britannico. Se pois o destino nos não consentisse o magestoso vulto do heroe, que se nos afigurava ver em pé, com os braços cruzados, na praia da ilha, contemplando melancolico as vagas do oceano! E continuando a navegar com prôa ao norte, no dia 9 demos vista da ilha d'Assumpção, onde os inglezes, que tudo aproveitam, teem um deposito de carvão, e um pequeno destacamento militar. A mesma ilha será talvez do comprimento da de Santa Helena, segundo nos pareceu, pois tambem passámos por ella á distancia de doze milhas, ficando-aos ao sul ao pôr do sol.

No vasto campo que atravessavamos, uma embarcação portugueza avistar outra da mesma nação, é um acontecimento tão extraordinario e raro, que foi esta a segunda vez que tal aconteceu ao commandante da galera *Robim*. Pela volta das duas horas da tarde do dia 11, demos vista d'uma vela branca, que mal se distinguia no horizonte. Alcançámo-la em breve, e para logo, içando a bandeira nacional, não tardou que descobrissemos, com geral satisfação, qumás lusitanas tremularem á pópa da embarcação, que se avizinhou. Era a galera *Adamastor*. O capitão da nossa mandou logo ferrar velas, ficando só em gavela de traquete, que d'outro modo impossivel lhe fóra conservar-se, nem por um minuto, apar d'aquelle navio de pessimo andamento. Chegando-nos assim á falla, a barlavento, pelas quatro horas da tarde, na distancia de quatro ou cinco braças, soubemos que vinha de Singapura, com longa e perigosa viagem. Pouco depois, o *Adamastor* lançou ao mar um escaler, que nos trouxe a bordo o seu piloto, para pedir alguns refrescos, que lhe foram de prompto concedidos. Durou a visita obra de meia hora, e voltando o piloto ao seu navio, que já nos ficava á pópa, a tiro d'espigarda, nós deixámos então cair a ré, findando esta cerimonia d'attenciosa urbanidade, usada entre maritimos, com a voz forte do capitão, bradando á companhia: — soltem velas, amurem joanetes a estibordo — andem rapazes, amurem tudo! E n'um momento a esperta marinhagem executando estas manobras, a galera *Robim*, tão formosa como uma nimpha, cortava, ligeira, pela prôa do *Adamastor* e lhe passava a sotavento, fazendo-lhe os cumprimentos do costume, que foram incontinentemente correspondidos: e aos gritos de — boa viagem — tão rapidos nos afastámos, que em poucas horas já se não via o *Adamastor*. Este navio não foi respeitado pelo gigante do Cabo, apesar de ter o mesmo nome, soffrendo ali dois tempos e duas arribadas para dentro, antes de conseguir dobral-o.

Na verdade, para quem navega por esses mares, tão cheios de recordações da nossa grandeza passada, contrista-se o coração, por vêl-os tão ermos de quilhas portuguezas, quando outr'ora, por nossos antigos descobertos, tão sulcados foram d'altoseros galeões povoados de heroes que iam ás remotas plagas indianas ganhar honrosos tropheos,



Melk.



Mesquita de Musjid.

volvendo à Europa com os tributos do Oriente avassallado, em quanto hoje, a cada passo, se encontram navios francezes, americanos, hollandezes, e especialmente inglezes, em todas as direcções: — portuguez, nenhum, ou algum, só por acaso!... D'esta vez ao menos a galera *Robim* sustentou a antiga fama lusitana, deixando ficar á pópa quantos navios encontrara em seu caminho (e não foram poucos!) com tamanha e tal velocidade, que um só, uma barca ingleza, ousou disputar-lhe o passo, por dois dias de honança; mas apenas o vento refrescou, teve d'abater o orgulho britânico, indo occultar no horizonte a vergonha da sua derrota!

No dia 13, das nove para as dez horas da noite, cortámos de novo a linha, em 24° 6' de longitude ao oeste de G. Até ahí, e ainda mais dia e meio, ou dois dias, favoreceram-nos ventos regulares do sueste; mas d'ahi em diante eis-nos novamente a braços com as mofinas calmas, verdadeiro flagello dos navegantes, que duraram até 25.

Continua.

H. GARCEZ.

Melk.

Melk é uma aldeia da Baixa Austria, mas a sua situação na confluencia do pequeno rio Melk e do Danubio, junto d'um rochedo, torna-a excessivamente pittoresca. Sobre este rochedo ergue-se uma abbadia de beneditinos, celebre em toda a Alemanha pela sua grandeza e riquezas. Esta abbadia possui uma egreja notavel, gabinetes de historia natural e de medalhas, e galerias de quadros. As suas adegas são tão vastas, e estavam tão bem providas que, na campanha de 1805, quando o exercito francez marchava sobre Vienna, pôde-se dar a cada homem uma garrafa de vinho para ração.

Melk não conta mais de mil a mil e cem habitantes. «E', diz Goethe, em uma das suas cartas, um d'estes paizes deliciosos onde se deseja nascer, viver e morrer, na mediocridade, porque ahí a mediocridade deve ser a felicidade. Vendo o socego e a tranquillidade no lugar onde os cenobitas passam, um estudo e na contemplação, uma vida isempta dos cuidados materiaes, longe das agitações do pensamento, dos projectos de futuro, e das saudades do passado; vendo a solidão em que estes homens teem atraz de si a lembrança das amarguras do mundo, e em frente a esperança do ceo, comprehende-se que todos os corações feridos procurem no claustro a felicidade, impossivel de se achar n'outra qualquer parte.»

Quadras historicas.

AS CRUZADAS.

Continuação.

O exercito christão dirigiu-se ao Oriente e ganhou varias batalhas. A cruz parecia querer d'esta vez triumphar do crescente — disseram-no os campos do Egypto, onde foram colhidas as primeiras palmas; onde brilhantes successos assignalaram a chegada do exercito ao reino de Sesostris! Mas estas risonhas estreias obscureceram-se depressa pela ignorancia do legado de sua santidade. O pobre padre, querendo empunhar o bastão do commando, conduziu o exercito a uma emboscada que o aterrorizaria, se a precipitação da fuga não lhe desse apenas o tempo de escapar para voltar immediatamente à Europa. Pela ignorancia e presumpção de um homem iam-se sacrificando inteiramente milhares de preciosas vidas, e perderam-se todas as vantagens adquiridas, e as que ainda poderiam attingir-se.

Porém, menospresando os revezes e a má ventura que perseguia as expedições dos cruzados, Luiz IX, rei de França, ergueu novamente o estandarte da cruz, e partiu para a Terra Santa, acompanhado do filho do rei de Inglaterra. Desembarcou no Egypto, e alcançou a principio alguns successos. Mas vencido depois n'uma batalha, fizeram-no os moiros prisioneiro.

Este desastre, porém, pessoal como era, nem por isso descoroçoou aquelle religioso caracter e sublime piedade, que lhe grangearam a invocação de santo. Tendo conseguido o resgate peregrinou por toda a Palestina; e voltando à Europa foi para preparar outra expedição contra os moiros d'Africa. Ainda mais infeliz n'este segundo intento, ao desembarcar em Tunis a peste destruiu o exercito christão, e teve o desgosto de ver o horroroso flagello dizimar as fileiras dos seus bravos guerreiros, para depois os seguir também, victima da mesma epidemia. E lá ficou pelos campos africanos todo esse exercito, que formou a sétima e ultima cruzada!

Parecia que um fatal destino pesava sobre as armas dos cruzados. A não ser o successo da primeira expedição, proporcionalmente pequeno todavia; isto é, a conquista de Jerusalem, todos os outros resultados de tantas e bem organizadas empresas, foram sempre os peiores que podem succeder a um exercito — soffrimentos e derrotas, morte e vergonha!

Continua.

ALFREDO PIRES.

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SERRA.

Continuação.

SCENA XVII.

MARGARIDA, JOÃO DE CASTRO, ADELAIDE, BARÃO, JORGE, SEBASTIÃO, e JOSÉ DE MIRANDA.

BARÃO — Vem, minha querida, vem reclinar-te sobre o meu peito... vem, que lhe dás a felicidade que ha tanto tempo adormeceu para mim. (*senta-se no sofá*)

ADELAIDE — Aonde esteu eu?...

BARÃO — Aqui, n'estes braços que jámais te hão-de abandonar.

JORGE — E nos de Jorge, nos do seu velho amigo. Sim, menina, é Jorge que lhe acaba de trazer a felicidade.

MARGARIDA — O ceo fez-te justiça.

ADELAIDE (*deitando os braços ao pescoço de Margarida*) — Fallam-me de felicidade quando sou accusada de ter roubado... (*chorando*) Oh! minha amiga, eu roubei-a!...

BARÃO (*a João de Castro*) — Que fez, senhor João de Castro, que fez em mandar vir a justiça?...

JOÃO DE CASTRO — Só agora acabei de saber que está innocente. (*dando-lhe a carta que o barão passa pela vista*) Fui bastante cruel condemnando-a sempre; não sei porque, mas sinto-me agora humilhado na sua presença. (*indo aos pés de Adelaide*) Perdão, Adelaide, perdão, porque sei que está innocente! Fui rigoroso... implacavel até... mas ha momentos... ha apparencias... que nos levam a duvidar mesmo da candura dos anjos! Perdão, por que injustamente lhe fiz soffrer muito.

ADELAIDE (*erguendo João de Castro, e abraçando com transporte a Margarida*) — Por Deus! O' meus amigos e protectores, por Deus, que eu não mereço tanto! (*quer apertal-os com novas forças, mas cae sem ellas nos braços de João de Castro. Margarida sorri pelo prazer que lhe dá esta scena*)

JORGE — Sentem-na, qualquer abalo, por insignificante, lhe causa esta impressão. Se este peito só estava acostumado a martyrios...

JOÃO DE CASTRO (*fazendo-a sentar*) — Reanime-se, valor!... queremos resgatar-lhe o tempo de pezares e angustias.

JOSÉ DE MIRANDA — Causa-me dó!

BARÃO — Adelaide, olha... não sabes?... E' immensa a felicidade que te destino.

ADELAIDE — A felicidade... é tão distante d'ella que posso viver... esperanças já as não tenho... Jorge, o meu bom Jorge, fallou-me de ser feliz... pobre amigo, cuidou que eu poderia acreditar...

BARÃO — E' uma realidade, Jorge não mentiu... não te mentiu porque tu... tu és minha filha! (*tomando-a nos braços*)

Todos — Sua filha!

ADELAIDE — Como!... este é meu pae! Jorge, é verdade isto?... Será possivel?... (*sustendo-se*)

com firmeza, procura reconhecer as feições do barão, e lança-lhe os braços em volta do pescoço, beijando-o extremosa e loucamente) Ah! meu pae! meu pae!

Continua.

Mesquita de Musjid.

A *Musjid* é uma mesquita edificada em Benarés, sobre as ruínas d'um templo indio. Tem dois altos minaretes, e passa por ser uma das maravilhas da cidade indiana. E' o unico edificio dos mahometanos, notavel pela sua grandeza. Foi construida por Aureng-Zeb, afim de humilhar o obstinado fanatismo dos indios, que nunca deixam, quando fallam da *Musjid*, de amaldiçoar o seu fundador, e de se rebellarem contra a profanação da cidade santa pela presença d'uma mesquita mahometana.

Do alto dos minaretes da *Musjid* goza-se admiravel ponto de vista. D'um lado vê-se a cidade de Benarés; do outro os immensos campos de Ghazipur, onde se cultivam as rosas, de que se fabrica a celebre essencia chamada *Atta-Goul*.

Não vá agora o leitor, maravilhado com a idea de campos de rosas, imaginar um paraíso perfumado, e deliciosas latadas onde as roseiras entrelaçadas juntam as suas flores já abertas com os botões nascentes e purpurinos; nada d'isso: a cultura das rosas em Ghazipur é apenas um negocio, uma simples especulação commercial, e estes vastos campos plantados de rosas apresentam á vista um quadro vulgar e sem poesia. ***

Doas mulheres da epoca.

Romance contemporaneo.

Continuação.

III

EPISODIO DA GUERRA DO ORIENTE.

— A nossa viagem para o Oriente, em nada se pareceu talvez com aquellas dos antigos guerreiros que acompanharam Luiz IX aos plainos da Palestina. Se consultasses todas as scenas quotidianas que tiveram lugar, dirias que partiamos mais para uma terra de promissão do que para o sorvedouro terrivel onde tantos milhares de homens ficaram sepultados. Era raro o dia em que os facetos do regimento não inventavam chistosas diabruras para entreter a companhia. Eu, porém, pouco me distrahia.

— Sim, pensavas em Cesargá... que não te amava, e por quem ias tão esquecido dos teus bons amigos... interrompeu Matheus d'Andrade, acrescentando: isso realmente não tem desculpa!

Carlos Condinho continuou:

— Quando desembarcámos, todos os voluntarios pediram unanimes para serem os primeiros a entrar em fogo. As piedosas mulheres que nos acompanhavam foram para o hospital de sangue, e nós seguimos o nosso destino; fomos juntar-nos ás forças que marchavam sobre Sebastopole. Lembra-te de Edemundo Morrel?

— De Morrel? repetiu Matheus d'Andrade. Como não queres que me lembre se fomos amigos! E até me lembrarei sempre da commoção que soffri quando me disse o ultimo adeus! Fui realmente muito seu amigo: custou-me vê-lo partir para o Rio de Janeiro... onde grassava a febre amarela e o cholera-morbus! Ainda me escreveu duas cartas; mas creio que por lá ouviu a sua ultima hora!

— Enganas-te: encontrei-o na Crimea.

— A elle?! a Edemundo Morrel?...

— Fomos camaradas. Entrámos juntos em fogo. Passámos muitas noites juntos no *bivouac* fazendo mutuas confidencias.

Matheus d'Andrade franziu os sobrolhos. Carlos continuou:

— Edemundo foi, como dizes, para o Rio de Janeiro em companhia de um tal capitalista, que andava procurando o modo mais proveitoso para si e para humanidade, de empregar os seus capitães. Este capitalista tinha proposto ao governo portu-

guez um projecto de fabrico d'assucar na ilha da Madeira, pedindo certas concessões que o governo recusou, naturalmente porque n'essa época os ministros não eram gulosos. Desgostoso com a recusa do governo, determinou ir para o Brazil, e levou consigo Edemundo na qualidade de guardalivros. Seis ou oito mezes depois adoeceu, teve a febre amarella, e morreu nomeando-o seu herdeiro universal. Edemundo ainda se conservou no Brazil alguns mezes; mas em breve reconhecendo em si absoluta incapacidade para a vida commercial; desgostando-se com o mau resultado de algumas especulações em que arriscou parte da herança, pensou em voltar à Europa. A respeito da vida do commercio, dizia-me elle muitas vezes: «A porta por onde se entra é tão baixa, e eu tão pouco avezado a abaixar a cabeça, que, por duas ou tres vezes que intentei entrar, tive sempre a infelicidade de dar cabeça!» Edemundo voltou para a Europa, e foi desembarcar em Marselha, onde tinha de cumprir uma determinação do defuncto capitalista: visitar uma ermida construida não sei em que ponto, e vigiar pela sua conservação. Contou-me a esse respeito historias tão tristes, tão sentimentaes... que tenho pena de não saber repetil-as. Se alguma vez elle voltar a Lisboa, falla-lhe na visita que fez á tal ermida, e ajuzará então do bello sentimentalismo que lhe inspirou aquelle logar. Seguindo o fio da nossa historia, desde que eu, uma noite, vespera de acção, tive a franqueza de confessar-lhe o amor que me inspirava Cesarea, Edemundo mudou inteiramente.

— Por isso já eu estava esperando! exclamou Matheus d'Andrade: já sabia tudo!.... Vamos: continua.

— Poupe palavras, uma vez que estavas ao facto das relações que suspeiitei entre elle e Cesarea. Subiu-me o sangue á cabeça... provoqueei-o!

— E bateram-se?

— Não. Edemundo respondeu-me com tal placidez de espirito, que ainda mais alterou o meu: que não tinha ido á Crimea seguindo mulher alguma; que não procurava realizar um capricho; mas sim alcançar um nome; e que não vertia o seu sangue por outro amor estranho á gloria. A nossa amizade estava acabada. Separamo-nos. Oito dias antes da tomada de Sebastopole, houve um reconhecimento terrivel. Os russos portaram-se com heroicidade: houve em ambos os campos gentilezas dignas de honrosa menção. A primeira linha dos zuavos soffreu um fogo vivissimo, que a desbaratou. O nosso corpo formava a segunda linha, e sustentou por algum tempo a posição; mas em breve obrigado a retirar sobre a esquerda descobriu-se a uma das baterias inimigas, que seguiu o parecer da medicina actual: invadiu-nos com pilulas de ferro. Cai ferido na perna esquerda, e na cabeça; senti que me levavam para fora do combate, e perdi os sentidos.

— Mal empregado sangue que lá foste derramar para os inglezes e os francezes poderem passeiar á vontade pelo mar Negro!

— Quando, por assim dizer, resuscitei, e fui gradualmente apreciando tanto os objectos que me cercavam como as commoções que me produziam, declarei-te que nunca tinha experimentado um momento de maior nem mais agradável sensação!

— Estava estendido sobre o meu capote militar, com a cabeça reclinada n'um seio palpitante, cujo suave calor se communicava ás minhas faces. Sentia as mãos aquecidas por outras mãos finas e quentes que m'as apertavam, e de quando em quando sentia tambem entornar-se-me nos labios resequidos um licor, que parecia percorrer-me as veias levando-me a vida ao coração.

— Era noite. A um lado, distinguia o mar prateado pelo luar; a outro, o vulto sombrio das torres de Sebastopole desenhadas n'um ceo azul escuro, sobre o qual pareciam ainda existir reflexos avermelhados, cortando-o do nascente ao poente.

— Acredita-me, Andrade: foi a primeira vez que apreciei devidamente a existencia! que me pareceu bello e grandioso o quadro da natureza!

— Lembra-me, como de um sonho, da batalha. Aquelles turbilhões de fumo e de fogo que levavam consigo tantos soldados! aquellas detonações terribes da artilharia, seguidas sempre de gritos afflictos, de vozes imperiosas, e des sons das ban-

das marciaes, formando um côro inexplicavel, assustador e provocante... passava-me tudo isso confusamente pela imaginação, como para formar o contraste do socego d'aquella noite, que não teve outra equal em toda a minha vida!

— A mulher que me amparava a fronte ainda banhada de sangue; que me entornava nos labios aquelle licor calmante; que me apertava as mãos, denegridas pela polvora entre as suas, delicadas finas e quentes, era... era a irmã de caridade!

— Cesarea? Perguntou Matheus de Andrade.

— Carlos Conditio continuou.

— Ouvi-lhe finalmente a voz que me chamava, e conseguí articular o seu nome para lhe responder.

— E' preciso ser conduzido para o hospital de sangue, disse-me ella. Os conductores não podem tardar.

— Escuta-me, Cesarea, tornei-lhe eu. Não sei que mysterioso poder satsifez o que eu tanto desejava: merecer os teus cuidados; reclinar alguns momentos a fronte no teu seio palpitante; mas se esta vida que salvaste deve ser outra vez por ti esquecida... se este coração que sem ti não mais tornaria a palpitar, e que tanto amor encerra, tem de ser ainda despresado... rogo-te por Deus, a quem dedicas os teus actos de caridade, que me deixes adormecer para sempre... que mal fizeste em ter-me salvo!

— Paguei-te uma dívida, Carlos. Quando o regimento recolheu, perguntei quem lhe faltava. O campo tinha ficado juncado de feridos e de mortos. Disse-me um clarim que te tinha visto cair, e que um outro soldado te conduzira para fora do combate, n'esta direcção. Parti immediatamente para aqui, e encontrei-te já com as feridas ligadas, involto n'este capote que não é o do teu uniforme. Sentei-me então ao teu lado, e empreguei todos os esforços para abrandar-te a febre causada pela perda do sangue. Se em te salvar empreguei mais interesse do que uma estranha; se á idéa de acalmar-te o soffrimento liguei outra que não fosse de pura caridade christá, repito que pensei em pagar-te a dívida que com o teu generoso coração contrahi, quando me salvaste das ondas. Não me falles pois d'amor; não repitas essas palavras que não posso nem devo escutar... Faze-me o nobre sacrificio, tão digno d'um coração elevado, de respeitar este pranto involuntario...

— Oh! exclamei eu, bebendo aquellas lagrimas que me caíram sobre os labios, esse teu pranto, Cesarea... já não mata a sede de quem te ama tanto... porque é para mim um veneno! Esse teu pranto... Oh! não mais o deixes cair sobre mim... que me affronta!

— Mas é por ti que me rebentou: pensei no desvario que commetteste por amor de mim; na saudade que terá sentido a tua familia; nas maldições que tua mãe terá lançado sobre a triste mulher que foi causa das tuas imprudencias!

— E quem me assegura que não te lembraste de Edemundo!

— Edemundo! Bradou ella fazendo um movimento de surpresa, e levantando-se. Oh! quando não é a sua imagem... é o seu nome que me atiram como uma punhalada!

— Despresas-me porque o amas! A tua santa missão, de que tanto me fallavas... eil-a! é o amor d'aquelle homem; hypocrita!

— Cesarea cobriu o rosto com as mãos. Eu conseguí levantar meio corpo, sustentando-me no braço esquerdo; e já que não podia levantar-me para descobrir-lhe o rosto e fixal-a, desabafei assim:

— Respeitem a piedosa mulher que, naturalmente, ludibriou seu marido, e intentou por fim hypocritamente esconder o coração manchado sob a idéa de uma missão santa; e que segue o amante, como qualquer vivanderra, escondendo o rosto sob a mascara da virtude, para merecer uma consideração que está, a meus olhos, bem longe de merecer por mais tempo!

— Não sei que mais lhe disse; estava allucinado talvez: desesperado, arrependido de ter tanto tempo respeitado aquella mulher; envergonhado de ter-me deixado enganar pelas suas palavras. Nunca me senti tão vivamente ferido no meu amor proprio!

— De repente, apparece uma terceira pessoa: um

homem, que segundo conclui tinha escutado o nosso dialogo. Era Edemundo.

— Senhor Carlos, disse elle pausadamente, como se desejasse que eu apreciasse exactamente o valor de cada uma das suas palavras: se não é devido á exaltação da febre o grau de insolencia que notei nas suas expressões, hade convir que só um ingrato seria capaz de pagar de similhante modo a caridade evangelica d'esta mulher!

— Oh! Edemundo, murmurou Cesarea, tu aqui!?

— E quem lhe deu o direito de avaliar as minhas palavras, e ainda de escutal-as? Perguntei-lhe.

— O direito que tinha quem velava pela sua segurança, sentado ali a alguma distancia, n'aquellas pedras, com a espingarda sobre os joelhos.

— Velar pela minha segurança?!

— Desde que nos meus braços o trouxe para fora do combate; desde que pela minha mão lhe puz essas ligaduras nas feridas; desde que me despojei do meu capote para lhe fazer a cama em que tem jazido até agora. Todos estes insignificantes serviços ficariam em mysterio, se o insulto feito a esta piedosa mulher não me obrigasse a vir defendel-a, cortando com duas palavras todas as explicações que a seu respeito podessem ter logar. Esta mulher, senhor Carlos, é minha irmã.

— Não sei que tontura me deu! quiz fallar... pensei muitas coisas ao mesmo tempo, expirou-me a falla... senti dentro dos ouvidos uma bulha surda, inexplicavel, que parecia partir do meu proprio sangue... caí sem sentidos.

— Delirei cinco dias.

— E a tomada de Sebastopole? perguntou Andrade.

— Tomaram-na em quanto estive doente.

— E Cesarea?

— Nunca mais a vi.

— E Edemundo?

— Também não. Regressámos a França. Tratei de indagar o nome das irmãs de caridade que tinham voltado: soube que Cesarea tinha escapado, e que estava finalmente em Paris. Não me entreteve em pavonar a minha gloria de voluntario da Crimea pelos boulevards, pelos cafés, nem pelos theatros; passava o tempo rondando o edificio onde existia Cesarea; a esperar o momento de a ver... passava todos os meus dias a pensar em Cesarea; todas as minhas noites a sonhar com ella.

— E a gastar a tua legitima, bem sei. Dizia-se por ali que andavas estudando architectura civil.

— Finalmente, soube que Cesarea fazia parte da expedição de caridade mandada a Lisboa para reforma das aulas de educação primaria nos asylos...

— Pois disseram-te... uma sandice, meu caro! Nós não queremos mestras... gregas!

— Tomei passaporte, e segui-a para Lisboa. Aqui me tens... e querem mandar-me para a Madeira...

— Boa duvida! pois se os medicos ignoravam completamente a qualidade da tua doença! Quem hade curar-te, sou eu! Cala-te; sei que remedio convém. Silencio e animo! Já te previno de que o tal remedio não custa nada a tomar.

— Remedio... murmurou Carlos, desanimado.

— E' galinha, tornou Matheus de Andrade; mas é preciso que seja cá de uma certa casta... galinha de pópa, emfim!

— Estamos em casa, podemos intrigar com segurança, meu Andrade. Eu de pouco valho; conta porém comigo em todas as tuas crises, sejam quaes forem; mas ensina-me a intrigar este meu negocio.

— Prometto que em oito dias hade ter principio.

— E fim?

— Pouco tempo depois. Continua a estar doente, meu amigo; geme, afflige-te, infunde serios cuidados... pensa mesmo em fazer testamento... olha, é até um excellente meio de te livrares do barão, que, segundo me parece, achou muito duro o teu longo estudo de architectura civil em Paris.

— Meu pae... é um provinciano!...

— E' verdade! não sabe avaliar o teu coração; só calcula as cifras do que elle lhe tem custado.

— Eu pagaria com toda a minha fortuna...

— Com a fortuna! descansa... uma galinha não custa tão caro. Adeus.

Matheus de Andrade, tendo feito um juizo exacto da doença de Carlos, e decidindo-se precipitadamente a comprometter, pelo menos, a seriedade da mulher de quem tinham acabado de fallar, despediu-se d'elle e foi cumprimentar a baroneza.
Continua.

A. HOGAN.

A mundanaria.

SCENA.

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe;
Dieu sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe

VICTOR HUGO.

MUNDANARIA.

Junto ao berço m'ensinava
Minha boa e santa mãe,
Que premiar Deus costumava,
Chamando-os ao paraizo,
Os apóstolos do bem,
E dizia-me também,
Que morada era o inferno
D'aquelles a quem o Eterno
Em seu recto alto juizo,
Pelo mal só praticarem
Cá no mundo, criminosos
Julgava... qu'eternos gosos
Na mansão celeste havia
Para os bons glorificar;
E que um fogo inextinguível,
Qual supplicio atroz, horrível,
Na infernal morada ardia
P'ra os culpados castigar!
E mais inda me dizia
Junto ao berço minha mãe:
Que da Bemaventurança
Excluido era também,
Quem, durante a humana vida,
Uma vez perden a 'sp'rança,
E p'ra sempre houve banida
A sublime e santa crença
D'esse Ser Omnipotente!
Eram estas as doutrinas,
Tão severas, quanto bellas,
Que, entre afagos de ternura,
N'essa quadra de ventura,
A que o nome dão d'infancia,
Beijando-me ternamente,
M'ensinaram... e são ellas,
Que hoje, junto á sepultura,
Na da vida ultima estancia,
Se me antolham n'esta mente!
E eu, a mulher corrompida,
Que o mundo chamou perdida,
D'esse Deus que tenho a esp'rar;
A não ser tormento eterno,
Quantas penas ha no inferno,
P'ra meus crimes castigar?
Que de Deus com a clemencia
Oh! não deve, não, contar,
A vil socia do peccado,
Que fez da honra um mercado,
Pondo em almoeda o pudor!
Que á turba pediu oiro
Dando-lhe em troca um thesoiro,
Que se dá só por amor!
Que perdão não ha nos ceos
P'rá proselyta do crime,
Que essa crença tão sublime
Da eternidade e de Deus,
Durante a vida esqueceu!
Que não ha perdão possivel
P'rá corrupta, p'rá devassa,
Que corpo e alma á desgraça...
Por preço ignobil vendeu!
.....
A que por fragilidade
Perde a honra, inda no mundo,
E' credora de piedade,
Esse mundo inda a defende:
Mas mereço odio profundo
Quem por oiro a honra vende
Pondo em praça a castidade!...
Continua.

H. VAN-DEITERS.

Sonetos.

Meu ginja, o grão valor em ti nos provas
Das settas, que dispara o deus fedelho,
Pois que n'esse teu peito duro, e velho
Podem abrir tão fundas chagas novas:

Vaes cantando d'amor convulsas trovas,
E, sem qu'rer de ninguem ouvir conselho,
Vergando ao peso d'annos o joelho,
Crês que na dança alegre te renovas:

Ver meninas é todo o teu recreio,
O teu emprego é só fazer tijolo,
Mostrando esse carão mirrado e feio:

Precisas de gebada, velho tolo,
Pois, se mostras d'amor o peito cheio,
Vasio tens o caco de miolo.

Que uma dama besunte com pomada
O cabelo grisalho, a cara velha,
Que tinha muito bem a sobrançella,
E até mesmo o chinô, se for pellada,

Que uma gentil donzella perfumada
Traga em diversos cheiros a guedella,
Ou que nas faces ponha cor vermelha
Por crer que d'esta sorte mais agrada;

Que a menina de pouca formosura
Pinte a cara, o cabelo, com sentido
De ver se assim alcança o que procura;

Desculpa-se; — mas homem entretido
Com estas ninharias não se atura,
E deve-se mandar para o Polido.

A UM APRENDIZ DE REBECA.

Por piedade, senhor estudioso!...
Suspenda, ao menos, por um só instante!...
Cale a sua rebecca horripilante,
E que venha contender co' o meu nervoso!...

Olhe que isso é de mais! é ser teimoso
Além de flagellar seu similhante!...
E' commetter um crime revoltante!...
Crime de *lesa-ouvidos* horroroso!...

Já não posso soffrer seus desatinos;
E fujo com meu peito todo hirsuto
Da musica ao maior dos assassinos!...

Fujo d'um tocador cruel, e bruto,
Pois antes por um anno ouvir mil sinos,
Que ouvir essa rebecca um só minuto.

AO AUTOR DE UMA CELEBRE ORATORIA.

Quem ler, meu polidor, a tua *peça*,
Onde até coices dás na orthographia,
Dirá: pobre rapaz, que tens mania,
Tens mil teias d'aranha na cabeça!

Ninguem inda escreveu coisa tão *gessca*.
Como a tua *oratoria* que arripia;
Se queres um conselho de valia
Vae mettel-a no fogo a toda a pressa:

Em escrever estás mui pouco pratico;
E sabe que compór uma oratoria
Não é polir pau-santo, nem vinhatico:

Jámais tu, como autor, apanhas gloria,
Pois precisas que um mestre, bom grammatico,
Te esmigalhe nas mãos a palmatoria.

J. I. D'ARAÚJO.

No album da ex.^{ma} senhora S. da H.

Não venho pompear brilhante esthetica
Na apreciação artistica do bello
D'alguem rosto gracil,
Subjecto á influencia magnetica
D'esses olhares celifluos que escreviam
D'energico perfil.

Não venho em himpos fofos de vaidade
Frivolo, aduanar falsa modestia...
Mesquinhez... presumpção!
N'estas eburneas folhas liberdade,
De gemer, de sorrir, permite sempre
Abrir-se o coração.

Embora os indifferentes espireçam,
Sorrindo aos anhelitos sentidos
D'alma angustiada,
Não lhes peço conforto — esterileçam.
Fertilizem — embora as outras folhas,
Foi-m'esta confiada.

Livre — temperada a alma na grandeza
D'essas scenas immensas de poesia
Do mar, da tempestade...
Sublime expansão da natureza,
Em que fiel se espelha a Omnipotencia
S'exprime a Divindade.

Livre — no cemiterio immenso, infindo,
Onde inda orgulho humano não levanta
A morte distincções,
Desnoivado das crenças, que sorrindo
Qual oasis, outr'ora m'antolharam
Um porvir d'illusões:

Aos criamentos aulicos das salas
Constranger-me não sei, nem d'aprendel-os
Me resta antojo insano;
E já que da mentira engeito as galas,
Deixa-te ó pena franca, embora lugubre,
Sondar d'alma o arcano.

Como a alma me sangra saudades
Tão viuva das crenças florentes,
Estaladas as cordas que outr'ora
Sons accordes vibraram cadentes.

Como arqueja no vacuo, d'esp'ranças
Em vão quer aspirar um alento,
Mas sómente d'atroz scepticismo
A sorver sempre o ar pestilento.

Do amor, cicatrizes profundas
Indeleveis, lhe dizem — soffrer
Fadecendo isolado no mundo
Lenitivo quem lh'hade offerecer.

Quando a corda do amor não vibrava
Quando orphã a alma ficou
Só nas veias qual lava fervente
Phrenesi d'ambição circalou.

Mas qu'importa d'então ephemero entono
Sulco que s'apagou — estrebuxando
Por adejar sem levantar um vôo —
— Sem vestigios deixar de tal insanía.
Silencio — para endechar não são os albums,
Demais o hei feito... que remedio agora?!
Se a pagina enlutei com versos lugubres
Penhor são de minha alma, e em penhor
Os deixo de lembrança...
